

# **CURSO DE INSTRUTORES I**

## **UNIDADE 07**

## 7. Como Contar Histórias

### 7.1. A importância da história

Em todas as épocas da vida da Humanidade, verificamos a narrativa de histórias e de contos como recursos para a aprendizagem.

O interesse que eles despertam no espírito humano, especialmente nas crianças, faz com que constituam o excelente processo de ensino, que tem atravessado séculos na História da Educação.

Mas, é no Evangelho de Jesus que se verifica por excelência, a presença das narrativas de histórias e contos que o Mestre empregava para ensinar a Sua Doutrina de Amor, implantando a Boa Nova nos corações humanos.

A importância da história decorre:

- De sua universalidade.
- De sua influência para o espírito humano.
- De sua manifestação como recurso aos educadores.
- Dos benefícios que poderá proporcionar à Humanidade pelos exemplos revelados de elevada moral.
- Do interesse que desperta no espírito humano concorrendo para a modificação dos seus hábitos e eliminação dos vícios das existências pretéritas.

As histórias podem ser: reais ou imaginárias.

- Histórias reais - São aquelas que têm por fim apresentar acontecimentos verdadeiros ou quaisquer fatos da vida real.
- Histórias imaginárias - São aquelas que são criadas ou inventadas. Embora possam ser baseadas em fatos reais, podemos dar liberdade à nossa imaginação e criatividade.

**Entre as diversas histórias imaginárias podemos citar:**

**Parábola** - É uma história que, valendo-se de coisas reais, apresenta uma verdade espiritual velada, de aplicação imediata ou remota. Os maiores e mais notáveis exemplos de parábolas registrados na História da Humanidade, são as que Jesus apresentou para nossa meditação e aprendizagem.

**Fábula** - É o tipo de história em que os animais tomam as características humanas, raciocinam, falam, choram, sentem e encaram as virtudes ou defeitos da natureza humana.

**Apólogo** - É um gênero semelhante à fábula, mas em que são as plantas e coisas inanimadas que se apresentam com as características humanas.

**Conto** - É uma história verdadeira ou imaginada dando margem à criatividade de quem escreve.

**Lenda** - É a história imaginária que, embora tenha origem num fato, foi este tão fantasiado, modificado e ampliado que, afinal, não se pode mais distinguir o elemento fictício da verdade original.

Portanto, do ponto de vista literário, podemos definir a história como uma narrativa seqüenciada na qual estão registradas as peripécias de uma ou mais personagens. Tanto melhor será uma história, quanto melhor for ela estruturada e desenvolvida.

Do ponto de vista psicológico, no entanto, sua importância é infinitamente superior, pois representa um instrumento de exercício da inteligência e da sensibilidade, através do qual o ser humano aprende grande parte dos mecanismos de funcionamento do mundo em que vive, assim como manipula emoções no plano fictício, aprendendo a lidar com elas na realidade.

## 7.2. Características de uma boa história

Não basta que a história narre as ações desenvolvidas ou sofridas por uma ou mais personagens. É preciso que seus elementos constitutivos, no plano estrutural e estilístico, estejam em acordo e harmonia, contribuindo para que a percepção dos fatos e o envolvimento emocional ocorram naturalmente durante a audição do texto. Para verificar se uma história apresenta tais condições, consideremos:

- **O tema**

Deve estar diretamente relacionado aos interesses do público ao qual se destina. O contexto social, o cenário, os seres que a compõem obrigatoriamente precisam ser conhecidos, ou tão simples que o domínio de seu significado exija um mínimo de esforço por parte do ouvinte;

- **A extensão**

O texto deve variar de acordo com a faixa etária do público- alvo: mínima para as idades menores e crescente à medida que o ouvinte seja mais velho e de acordo com os objetivos e tempo de que disponha o contador;

- **O desenvolvimento**

Deve obedecer a uma seqüência lógica de **início, meio e fim** que encadeie os fatos coerentemente, de modo a facilitar a compreensão, por parte do ouvinte, da cadeia de causas e efeitos que compõem o enredo.

O início precisa ser atraente e apresentar de maneira interessante e clara as personagens principais e o cenário da ação, diferenciando os elementos de tal modo que os papéis atribuídos a cada um deles sejam facilmente perceptíveis.

A complicação do **enredo** deve ocorrer logo após o início, solicitando o núcleo de preocupação das personagens centrais e propondo o problema que deve ser solucionado até o final da narrativa.

O **clímax** necessariamente precisa diferenciar-se das demais etapas pela sua nítida força dramática, pela intensa emotividade que deve despertar e não é recomendável que se prolongue em demasia, sob pena de desgastar a emoção do público antes do final do texto e de aumentar além do saudável os níveis de ansiedade que o acompanham.

O **desfecho** deve ser a solução do problema apresentado no início, o relaxamento da tensão do clímax, o desvendamento dos mistérios, devolvendo ao ouvinte a sua emoção, enriquecida agora por uma sensação de reequilíbrio e tranquilidade.

Essa estrutura fundamental e clássica é preferível a todas as outras, principalmente porque a história funciona, a nível de subconsciente, como instrumento de resolução de problemas pessoais. Se, portanto, as etapas não forem logicamente seqüenciadas, se não apresentarem inter-relação de causa e consequência e não contribuírem para o aparecimento de uma solução, a tensão da narrativa se prolonga e se incorpora à lista de problemas que o ouvinte já traz consigo.

- **As personagens**

Devem ter **papéis bem definidos**, de modo a favorecer os juízos de valor, a identificação das culpas e dos méritos, a formação de modelos adequados de comportamento. Muitos questionam as personagens que assim se apresentam, mas, como a história também funciona como instrumentos de transmissão de cultura, hábitos, costumes e de normas coletivas, se os modelos forem difusos, mais difícil se tornará para o ouvinte, principalmente se for uma criança, em fase de formação, a distinção entre o bom e o mau e a opção consciente por tal ou qual comportamento na vida real.

A função catártica (purificadora) do texto literário também sofre um decréscimo significativo e prejudicial, pois a definição e a solução do problema não ocorrem e não liberam o ouvinte de suas emoções acumuladas.

- **A linguagem**

Deve ser **clara, acessível**, bem composta, de modo a atrair a atenção não só pela ação, mas também pela beleza do arranjo literário.

### ***7.3. Critérios para selecionar uma boa história***

A história deverá também ser adequada aos seguintes requisitos básicos:

- Atender aos objetivos do contador e da reunião de estudos ou palestra.
- Respeitar as características da faixa etária do público-alvo, bem como sua situação bio-psico-social e espiritual.
- Estar de acordo com as possibilidades individuais do contador.

### ***7.4. Como contar uma história***

Não basta querer contar bem uma história. É preciso saber como fazê-lo. E, se bem que algumas pessoas apresentem essa habilidade muito cedo e sem treinamento especial, um bom contador de histórias se faz principalmente com auto-crítica, humildade e exercício persistente, observando os seguintes aspectos:

- **Voz**

Clara, suficientemente alta para ser ouvida pelo público todo e modulável, isto é, adequável a cada momento do texto;

- **Dicção**

Deve ser perfeita, sem omitir ou acrescentar qualquer som às palavras do texto;

- **Prosódia**  
Pronunciar de maneira correta as palavras, com acentuação e fonética correspondentes a cada uma;
- **Postura**  
Manter-se em posição correta, de preferência de pé, para facilitar a movimentação;
- **Gesticulação**  
Casar o gesto com a fala, sem afetação, com naturalidade, evitando os excessos ou a escassez de movimentos faciais ou dos membros superiores;
- **Sensibilidade**  
Sentir o texto e sua carga emotiva ou dramática, identificando suas passagens mais marcantes para acentuá-las enquanto procede a narrativa;
- **Conhecimento completo do texto**  
Incluir a sua memorização em síntese, para que não haja necessidade de consultas durante a narração, nem se altere a seqüência ou os detalhes da história em questão;
- **Supressão de quaisquer tiques vocais ou gestuais**  
Suprimir pois, sua repetição desvia a atenção do auditório e prejudica a compreensão da história;
- **Conhecimento e observação constante do público-alvo**  
Reforçar o estímulo inicial periodicamente, apelando para a vivência dos ouvintes de modo a manter-lhes a atenção;
- **Equilíbrio emocional**  
Manter-se calmo, mesmo que ocorra qualquer anormalidade durante a narrativa. O bom contador sabe até incluir no seu texto os eventuais desacertos que apareçam enquanto ele conta a história.

“Naquele mesmo dia, tendo saído de casa, Jesus sentou-se à borda do mar; em torno dele logo reuniu-se grande multidão de gente; pelo que entrou numa barca, onde sentou-se, permanecendo na margem todo o povo. Disse- lhes, então, muitas coisas por parábolas, falando-lhes assim: Aquele que semeia saiu a semear...” (Mateus 13:1-9)

Contar histórias sempre foi a arte necessária, no setor da fala e da exposição. Todos os grandes divulgadores de idéias se utilizaram da narração para esclarecer e consolar as massas. Trata-se de um dos recursos mais educativos e eficientes de que se tem notícia, pois, além de fixar a atenção do ouvinte, auxilia-o no entendimento do tema exposto, oferece exemplos práticos e torna a palestra ou a reunião de estudo interessante e amena, livrando-a da monotonia.

A arte de narrar não é simplesmente um "dom", que o expositor precise trazer do berço. Constitui um método de exprimir idéias, que pode ser desenvolvido pelo exercício. Afinal, o que são dons, senão

conquistas efetuadas no esforço do pretérito? Bastará, portanto, um pouco de técnica, aliada à perseverança e ao esforço.

### 7.4.1. Estrutura da narrativa

A narrativa compõe-se de começo, meio, apogeu e fim. Introdução, corpo, clímax e conceito. A **introdução** pode ser o comentário iniciante, a apresentação de um personagem, a descrição de um cenário ou a anunciação de que exemplificará com um "causo", retirado deste ou daquele livro ou passado em determinado lugar ou época. O **meio**, ou corpo, é o caminho dos fatos, a composição dos diálogos, a apresentação do drama que deverá levar ao clímax. O **apogeu**, como diz a palavra, é a culminância da narrativa, o fato surpresa, que fará rir ou chorar e sobretudo ficará lembrado, como objeto de meditação e ensinamento. É do clímax que os cronistas retiram os títulos de suas histórias. Em seguida, o **fim**, ou conceito, ou seja, a explicação do sentido da narrativa trará luz aos que provavelmente não a tenham compreendido.

Cada parte da história comportará tipos diferentes de voz. Isso, contudo, é assunto de outro capítulo.

### 7.4.2. Como narrar

Há pessoas que têm a faculdade natural de contar histórias, outras podem desenvolver a aptidão, quando seguem alguns passos fundamentais, abaixo enumerados:

- **Escolher a(s) narrativa(s)**

Para isso, toma-se por base o tema e o público. A conclusão educativa (ou, se quiser, "moral da história") deverá coincidir com os objetivos da palestra. Deve-se também, dar preferência a histórias cujos personagens sejam semelhantes ao público, facilitando o processo de identificação.

- **Situá-la(s) no contexto da palestra**

Sinteticamente, as histórias poderão entrar no início, no meio ou no final da exposição. As de início são aquelas que podem ter maior duração. Serão como o arado sobre a terra, preparando a semeadura do tema. As colocáveis no meio devem ser curtas. "Causos" interessantes ou engraçados, retirados de livros ou pequenos fatos da vida. Usadas normalmente quando o público manifesta cansaço. As narrativas de final são bem mais raras. Exigem ser muito bem escolhidas, dada a responsabilidade de concluírem a palestra. Deverão ser obrigatoriamente curtas e dificilmente dispensarão explicação posterior, como veremos adiante. Corresponde à "Conclusão ilustrativa".

- **Aprendê-las**

A narrativa jamais deverá ser lida, pois essa prática causa desatenção da platéia e dispersão do conteúdo da palestra. O aprendizado da história pode ser feito através da seguinte técnica:

**ENTENDIMENTO** – Compreender a narrativa em seus pormenores, conhecendo a função e o destino de cada personagem e o fundo moral que encerra.

**MEMORIZAÇÃO** – Não das palavras, caso seja apanhada de livro, mas da seqüência da narrativa em si. Para isso, há que se conhecer antes o tipo de **memória** que detém: visual ou auditiva. Verificar de que modo memoriza com mais facilidade, se **lendo** ou **ouvindo**. No primeiro caso, bastará a leitura

repetida e atenta; no segundo, conta-se com o auxílio de um gravador ou de outra pessoa que se disponha a lê-la ou contá-la.

**TREINAMENTO** – Narrar frente ao espelho, ou para outras pessoas, antes de enfrentar a exposição. A prática da evangelização infantil poderá ser excelente meio de desenvolver a aptidão do narrador. Será muito mais fácil manter atenta uma platéia de adultos, se o expositor já consegue prender a atenção de crianças.

Se o quiser, pode criar o costume de esboçar e arquivar suas narrativas, a fim de, com o tempo, reuni-las em prestimoso acervo.

- **Exercitar a criatividade**

Nem só de memorização e prática se torna um narrador eficiente. O expositor precisará também cultivar a arte de "dar cor e vida" ao que narra. Enriquecer e embelezar situações e paisagens, complementando os detalhes, sem evidentemente, desfigurá-la.

Esta, sem dúvida, é a parte que requer talento e improvisação. Criar diálogos interessantes entre os personagens de uma história curta; ampliar os detalhes de um cenário ou, até mesmo, improvisar nomes a personagens originalmente não identificados ou em caso de esquecimento. Será o nível de criatividade que conferirá a emoção precisa para sensibilizar o público no aprendizado do tema.

Para que se torne um bom narrador, o expositor necessitará desenvolver hábitos que se iniciam na vivência do que prega. Afinal, a narrativa bem feita faz parte da eloquência do expositor.

O narrador deve sobretudo ter sentimento. Por mais curta e desinteressante, uma historieta contada com expressividade, embora sem exageros de dramatização, pode surtir bom efeito. Ao contrário, a narrativa mais perfeita, se exposta de modo mecânico, sem vida, dificilmente causará interesse. Em síntese, o expositor deve narrar com entusiasmo.

Um hábito imprescindível ao narrador eficiente é o de observar. O mundo à sua volta possui infinitos detalhes e singularidades capazes de fornecer-lhe elementos preciosos para o enriquecimento de sua narrativa.

### 7.4.3. Como observar

Podem ser observados:

- **Pessoas**

Pelas suas características físicas, como expressão dos olhos, sinais particulares, etc. Ou pelo tipo psicológico, quando observarmos tiques nervosos e hábitos. Sem que caiamos na indiscrição ou na crítica inútil, através do estudo das pessoas que nos cercam, saberemos identificar e descrever os caracteres dos personagens de nossas narrativas, que a elas se assemelhe, imprimindo no pensamento dos ouvintes uma idéia mais nítida de suas personalidades.

- **Locais**

Detalhes de luz, sombra ou cores. Identificar como se formam os jardins, as minuciosidades das flores e folhas. Bosques e campinas receberão vista mais atenta, a perceber-lhes a beleza natural que poucos notam. Residências, arquiteturas, recantos, logradouros, ruas em movimento, "a florzinha humilde e anônima germinando onde o concreto quebrou"... Nada se repete, e o bom narrador sabe perceber onde se esconde a originalidade das coisas, a sua beleza de fundo e forma, essência e exterioridade, generalidade e minúcia.

- **Movimentos**

Observar a maneira pela qual as coisas e pessoas transitam ou agem. O que ocorre, quando um automóvel freia bruscamente no asfalto; como a louça se quebra, ao cair do armário; de que modo as estrelas despontam no firmamento, à medida em que o sol morre, em direção ao poente... Numa narrativa, há instantes nos quais a descrição de um movimento confere impressionante vida aos acontecimentos contados.

- **Situações**

Fatos do dia-a-dia, cenas surpreendentes, episódios cômicos, trágicos e, mesmo, inexpressivos. O narrador eficiente entende que tudo, em a Natureza, é belo e instrutivo. Chama a atenção e colhe ensinamentos até dos fatos corriqueiros da vida.

Da disposição de observar e da leitura habitual de livros que contenham narrativas, o expositor terá sempre vasto arsenal de contos e histórias, curtas e extensas, com as quais facilitará o entendimento e despertará o interesse do público para a sua explanação.

Caridade do Verbo – Luiz Signates

### **Recomendações importantes**

Ao contar uma história tenha os seguintes cuidados:

- Tirar partido de qualquer anormalidade que ocorrer durante a narrativa.
- Não interromper a narrativa com conselhos e admoestações. As interrupções são em geral, desastrosas para a compreensão da história. As advertências "Fique quieto!", "Não converse!", e outras são inadmissíveis durante a narração. Quando houver dificuldade, recorra à própria história com uma interferência para auxiliar.
- Evitar os tiques, cacoetes e estribilhos.

Deve procurar o narrador corrigir-se de seus tiques e cacoetes: fechar os olhos, abrir a boca, fazer trejeitos, sacudir a cabeça, levar a mão ao queixo, fungar, esfregar as mãos, etc.

Há também, certos cacoetes ou estribilhos na dicção que enfeiam a narrativa. Entre os cacoetes mais freqüentes, destacamos os seguintes:

- |                        |  |
|------------------------|--|
| • Não é?               | • Não é?   |
| • Não é isso?          | • Escute...  |
| • Compreende?          | • Realmente...   |
| • Compreendeu?         | • Bem, então...  |
| • Ouviu?               | • Aí, então...   |
| • Tá compreendendo?    | • Certo (muito usual)  |
| • Entende? (ou Tende?) | • A expressão "Não é?" apresenta várias modalidades: Né? Na? Nâin? |
| • Está entendendo?     |  |

Na linguagem viva, usual, de cada momento, não é possível abolir por completo os cacoetes e estribilhos; deve o narrador esforçar-se no sentido de reduzi-los ao mínimo durante o seu falar.

Como Ler e Contar Histórias – Izabel Bueno